|  |
| --- |
| **COMISSÃO DA VERDADE****OITIVA DE DEPOIMENTOS****PRESIDENTE** **DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT****28/05/2013** |

**COMISSÃO DA VERDADE**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**28/05/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, quadragésima sétima audiência pública, 28 de maio de 2013, Auditório Kobayashi. Está instalada a 47ª audiência pública da Comissão da Verdade, 28 de maio de 2013, Assembleia Legislativa, auditório Paulo Kobayashi, para a oitiva do depoimento sobre o caso das crianças que foram atingidas pela ditadura no Brasil.

Escalaremos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público. Hoje com a presença da Sueli Coqueiro. Bom dia Sueli.

**A SRA. SUELI COQUEIRO** - Bom dia.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Poderia fazer a sua apresentação.

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Bom, eu sou a Sueli Coqueiro, eu sou filha de Aderbal Alves Coqueiro, assassinado pela ditadura em 1971 e foi o primeiro preso político, banido, desculpa, a retornar ao Brasil após o seu exílio em troca do embaixador alemão Von Holleben para a Argélia.

E a minha mãe a Isaura Silva Coqueiro que após, bom, eu não sei direito por onde começar, eu vou dizer a verdade porque a gente já conversou bastante hoje aqui. Eu conversei com os companheiros e, é claro que quando a gente chega aqui as emoções vão à flor da pele, né? Eu tava explicando inclusive que, é a primeira vez que somos, os filhos, somos ouvidos, é a primeira vez que a gente tem a oportunidade de abrir o coração e falar sobre essas mazelas e sobre um momento histórico que para nós, crianças naquela época, foi muito difícil.

Porque a gente, criança não tem a capacidade de compreender tudo, apesar da inteligência e vivacidade a gente não consegue entender tudo e isso é um pouco problemático, e o momento histórico era aterrorizante. Então, era complicado, foi complicado.

Como vir aqui eu acho, pelo que eu entendi a importância deste momento é a gente conseguir relembrar ou lembrar e falar pela primeira vez como eu disse sobre o que, os efeitos daqueles momentos históricos nas nossas vidas, atualmente eu tenho 52 anos e quando tudo, quer dizer, eu nasci no ano do Golpe. Eu nasci em 1960, desculpa o Golpe foi em 1964. Quando se deu o Golpe eu estava com 4 anos.

Na época eu acho que estávamos em Brasília ainda, porque meu pai é baiano, e migrou para Brasília quando eu era muito pequena. Foi candango em Brasília, e de lá ele veio para São Paulo quando eu ainda era muito pequena e começou a trabalhar como operário aqui em São Paulo, no ABC.

Assim, a nossa vida, eu começo a lembrar bem a partir do momento da nossa vida no ABC, mais especificamente no ABCD, em Diadema. Ele já era integrado à luta, porque eu acho que foi em Brasília que ele começou a, ele entrou no Movimento. Aí, as minhas primeiras lembranças, apesar de vagas, são dos desaparecimentos quando eu falo desaparecimento, aquele que de vez em quando ele dava um sumiço. De vez em quando meu pai sumia por uns dias, não havia muita explicação para isso, é claro, não podiam. E por vezes, algumas reuniões lá em casa, também disso eu lembro.

Foi, o início das minhas lembranças foram isso. Algumas vezes ele sumia e de algumas reuniões que houve antes em casa com alguns companheiros que apareciam e tal, eles se reuniam, começou aí. E claro que a situação foi ficando mais aguda e aí começaram, quando começaram as perseguições mesmo, aí vieram os momentos de começarem a se dispersar.

Eu acho que foi a época que a gente começou a deixar um pouco de viver a vida familiar, não dava, dava cada vez menos para a gente conseguir viver juntos. E, comecei a ouvir também que tinha que ter cuidado com o que falava na escola, não podia brincar com amiguinha da vizinha, não podia ficar fora do portão na rua brincado, não podia. Aí começou uma série de coisas que a gente, eu não conseguia entender na época claro, eu tinha sete anos e não conseguia entender o porquê disso, não é? O porquê daquela situação.

Eu comecei ver e, acho que perceber o que estava acontecendo acho que foi quando nós tivemos que fugir pela primeira vez, fugir para valer, porque o meu pai já estava sendo procurado, eles já sabiam de tudo e nós tivemos que começar a viver nos aparelhos, chamados aparelhos que eram as casas e apartamentos clandestinos que eram considerados mais seguros para o Movimento se organizarem e se reunirem.

Nós fomos... Naquela época nós moramos no Mato Grosso, nós moramos na Bahia, da Bahia nós voltamos para São Paulo, de São Paulo fomos para uma casa acho que em Santo Amaro, e mudávamos constantemente, não podia ficar em uma escola o tempo todo. Sentia muito medo, é claro. A gente sentia muito medo, muita insegurança, e muita, eu sentia muito medo. Depois que eu comecei a entender que, quando eu comecei a entender que eu podia perder o meu pai. Eu acho que foi aí que eu comecei a sentir o maior medo.

Quando nós passamos por esta etapa de ficar fugindo aqui no Brasil de ir à escola, meu pai estava clandestino, foi quando ele caiu na clandestinidade, quando ele teve que ir para a clandestinidade, foi quando a nossa vida ficou complicada.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – A primeira, você lembra quando foi?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Olha, quando nós tivemos que mudar de Diadema, eu acho que eu tinha não sei se 7 ou 8 anos, não é? Nós estávamos, foi a noite que passaram numa Kombi, fomos numa Kombi, os companheiros levaram nós pro Mato Grosso, nós fomos pra casa dum primo do, acho que foi primo da minha mãe ou primo do meu pai, eu não lembro exatamente, mas era da família que tinha um sítio no Mato Grosso e fomos morar neste sítio por um tempo.

É claro que aí a vida de escola e tudo o mais teve que ser cortada, não é? Nós fomos morar no Mato Grosso um tempo, ficamos um tempo lá. Meu pai, eu lembro que ele ficou um tempo curto conosco, depois ele voltou para São Paulo e nós ficamos lá. Eu acho que a maior preocupação dele naquele momento era garantir a nossa segurança, não é? Segurança da minha mãe e das filhas.

Depois voltamos para São Paulo novamente, e aí teve uma segunda, não sei se a primeira saída foi para a Bahia e depois voltamos para São Paulo e depois Mato Grosso e voltamos para São Paulo novamente. Eu sei que em um desses regressos a São Paulo, numa noite foi alugada a casa de, acho que foi de São Caetano, foi alugada uma casa e nessa casa nós, nessa noite foi feita a mudança também. Assim, nós morávamos em casa e não tinha fogão, não tinha camas, não tinha geladeira, não tinha... Porque a gente simplesmente mudava de um minuto para o outro.

E foi nessa mudança para a casa de Santo Amaro que nós mudamos durante a noite e no outro dia de manhã em um posto de gasolina os companheiros foram avisar que meu pai tinha sido preso. Essa volta, e nós tivemos que sair novamente porque soubemos, então, que eles estavam procurando a minha mãe, nessa época e os companheiros acharam mais seguro tirar a gente do Brasil.

Esse processo de saída do Brasil foi muito complicado porque era uma época quer tinha que se montar esquema muito grande, não é? E a gente como criança, você quando é criança não tem... e numa circunstância como essa você não pode opinar, você não pode terminar nada, não é? E você vai vivendo as situações e os momentos, e vão ficando.

Você vai... É o que eu estava falando anteriormente quando a gente estava conversando, e você carrega isso para o resto da vida. O medo constante, o medo da perda, a insegurança, o medo da perda dos seus pais isso eu lembro que era um terror constante durante esta época de clandestinidade.

Quando meu pai ainda estava preso, eu lembro uma coisa que magoou muito, eu não podia (faz uma pausa, está muito emocionada) ir visitá-lo todas as vistas na cadeia porque eu tinha que estudar, eu tinha que avançar no estudo porque eu estava atrasada.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Onde ele estava?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** - Ele estava no DOPS em São Paulo. Ele foi pego pelo DOPS e torturado, e aí ele conversando com minha mãe eu lembro que ele me chamou numa das visitas e falou olha, você não vai poder vir, eu era muito ligada a ele. Você não vai poder visitar o pai (começa a chorar) porque você tem que estudar. Aí eu ia visita-lo só a cada 15 dias eu acho. Durante a semana tinha visitas.

Porque ele ficou tempo, depois que ele foi preso, ele ficou um tempo sem ninguém saber nada dele, ninguém soube. Eu não lembro o tempo exatamente, mas eu sim me lembro, das saídas constantes da minha mãe de polícia em polícia, delegacia em delegacia, de lugar em lugar procurando, porque ela sabia que ele tinha sido preso, só que não sabia se estava vivo, morto, em que lugar ele estava. Então eu me lembro desta procura constante dela, saindo muito para procurar.

Até aconteceu um fator interessante que eu tenho que confirmar, mas isto aconteceu, eu acho que ela foi na operação, na Operação Bandeirantes aqui em São Paulo, eu acho que foi um guarda, eles negaram que ele estava lá e um guarda passou um papelzinho para ela escondido que ele estava lá. Eu acredito que foi assim que ela ficou sabendo, acho que foi essa. Meu pai se encontrava lá.

Aí veio o primeiro alívio de pelo menos saber que estava vivo, não é? Agora ele estava na condição de incomunicável, aí a gente, eu sei que não podia ver, não podia visitá-lo. Eu lembro que logo que começamos visitar o meu pai, ele tinha sido muito torturado. Eu lembro de ocasiões dele, o meu pai não costumava usar óculos escuros. Eu me lembro por primeira vez que vi o meu pai com óculos escuros, quando nós íamos visita-lo na prisão, porque ele não queria que nós o víssemos com as marcas da tortura.

Eu até perguntei uma vez porque ele estava de óculos escuros(choro). Ele me respondeu que era porque ele tinha jogado bola e a bola bateu no rosto, tinha machucado. E a gente sabia que não era verdade, mesmo tão pequena, eu sabia que não era verdade. E depois veio este processo, como eu disse, de não poder visitá-lo porque tinha que estudar, não todas as semanas.

E nós fomos... enquanto meu pai estava preso eu lembro da gente, esse processo até descobrir quando ele, quando se conseguiu descobrir onde ele estava, veio este processo de visita e depois veio a troca dele pelo Embaixador Alemão entre os outros companheiros que foram para a Argélia.

E o medo novamente porque você ouvia o seguinte, “foi banido e desterrado”, acho que usava muito essa palavra e você diz “Eu acho que não vou ver nunca mais”. Uma viagem de avião naquela época, pelo menos para nós financeiramente era algo inalcançável, a gente, não éramos de família rica ou de família de classe média, que tinha condições de pagar uma passagem internacional para visitar o pai no exterior.

Então assim, para mim, eu me lembro que a época, a sensação quando meu pai foi banido foi de mistura, foi de um sentimento assim, a felicidade que meu pai não ia mais ser torturado, não ia ser mais magoado, não ia ser mais ferido, não ia ser mais... Mas sentia uma sensação de perda porque eu achei, eu acho que não vou ver meu pai nunca mais, ou talvez eu vou ver ele quando eu estiver grande e for visita-lo, porque ele não vai poder voltar nunca mais.

Então foi uma perda também. Para mim o exílio do meu pai foi uma perda, porque para mim não havia possibilidade de vê-lo nunca mais. Como efetivamente não houve porque eu só tornei vê-lo já no caixão para enterrar, depois disso, de ter retornado ao Brasil em 1971.

Então para mim o exílio do meu pai marcou, foi realmente a despedida porque a segunda despedida foi a mais cruel, foi já no caixão, porque ele já tinha sido assassinado depois que ele retornou ao Brasil em 1971. Aí a situação ficou complicada também, foi, o momento do enterro do meu pai foi muito complicado porque deu-se a notícia nos meios de comunicação que eu lembro que, o seguinte, “Terrorista banido volta ao Brasil e morre”. As manchetes, “Primeiro banido terrorista volta ao Brasil e morre”, alguma coisa assim.

Para mim meu pai não era terrorista, para mim ele nunca foi terrorista. O choque foi enorme porque para nós ele estava no exterior ainda, nós não sabíamos que ele tinha voltado, nós não sabíamos.

Olha, ele foi banido em 1970, ele demorou, eu não lembro exatamente, mas foi coisa de um ano.

Nós recebíamos cartas não com frequência, eu tenho várias cartas, eu tenho cópia das cartas que ele mandava para a minha mãe, né? E ele sempre, em todas elas, fala o tempo todo que morre de saudades de nós, ele era uma pessoa muito ligada à família, muito ligada. E os companheiros que hoje... Os mesmos os que nós encontramos mais tarde em Cuba, os que nós encontramos hoje eles falam, ele falava muito na gente, constantemente quase.

Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza, esta volta rápida para o Brasil é porque acho que ele não conseguia viver longe da gente, ele tinha uma dificuldade enorme com isso. Ele tinha uma dificuldade muito grande. E quando chegamos... Ele foi assassinado no Rio de Janeiro. Aí o meu vô, para nós, nós ficamos literalmente perdidos, a gente perdeu o chão, ficamos, porque para você a pessoa está no exterior e de repente a pessoa, você recebe a notícia que o ser que você ama tanto está morto e está no teu país e você sequer chegou a ver mais, não é?

Alternativa que se encontrou, claro, foi ir para São Paulo, porque eu acho que eles deram um prazo muito curto, tinha que ir para o Rio de Janeiro, tinha que... O meu vô que na época não era perseguido, não era, ele deu muita força. O meu vô falou para a minha mãe, “Vamos enterrar o Coqueiro, nós vamos enterrar o meu filho”. Aí nós fomos para o Rio de Janeiro. A viagem para o Rio, eu acho que fiz por muitos anos questão de não lembrar desta viagem.

Aí chegamos no Rio era carnaval, vocês imaginem, Rio de Janeiro, Carnaval. Nós ficamos em um hotel muito pequeno, um hotel barato, uma rua muito movimentada que eu não lembro também o nome e o meu vô foi no IML para fazer o reconhecimento, foi tudo muito rápido, tudo aconteceu de forma muito rápida. Tinha que acontecer de forma rápida, você não tinha tempo de luto, na verdade eu acho que nenhum de nós tivemos tempo de luto na época.

Aí o meu vô reconheceu, aí depois o caixão tava num lugar, eu fui no momento, aí abriram o caixão, a minha mãe, eu acho beijou a testa do meu pai, beijou a mão, ficou passando, eu olhei, aí eles fecharam o caixão e levaram meu pai e enterraram. Aí nós voltamos para São Paulo, foi uma coisa super-rápida, sem tempo de assimilar, sem tempo de trabalhar na cabeça sem tempo de pensar.

Aí depois, quando nós estávamos em São Paulo, não demorou muito nós recebemos a informação de que estavam procurando a minha mãe, pelo menos foi a informação que ouvimos na época. Nós não tínhamos maneira, nem estrutura eu acho, a minha mãe também não tinha estrutura psicológica, nós não tínhamos condições de continuar morando aqui. A organização, aí veio o processo da organização nos tirar para o Chile, nós fomos para o Chile. Este processo de viagem para o Chile foi também terrível. Como eu falei a gente não teve tempo de luto, não teve tempo de nada.

E a despedida, e nem tempo de despedir da família, gente. Tem outro detalhe, nós, sempre tive uma dificuldade enorme de relacionamento com a minha própria família, porque eu nunca tive família. A minha família mesmo, biológica. Eu estou falando de tias, tios, primas, primos porque nós não tivemos contato com eles. Nós... até essa época era a clandestinidade, e depois veio a saída para o Chile, foi na época de Salvador Allende. Essa viagem para o Chile para mim foi uma viagem de horror, nós viajamos de Kombi. Os companheiros que nos levaram eram companheiros que estavam clandestinos também.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Até o Chile?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Até o Chile, nós cruzamos os Andes, os Andes não, parte não é? Nós cruzamos de Kombi, foi uma parte de Kombi e de ônibus. Eu lembro que nós chegamos no Chile, na Argentina e depois nós cruzamos, eu lembro do vento gelado, do...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Cordilheiras.

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Das Cordilheiras, até chegar em Santiago, isso tudo uma coisa atrás da outra, não é? Veio o assassinato do meu pai, depois do assassinato veio estes dias aqui no Brasil de muita correria e muito medo para se organizar, para sair do Brasil e chegar no Chile.

A chegada no Chile para mim, eu tinha 10 anos. Aí quando a gente pensou que talvez tivesse um pouco de tranquilidade, não teve tranquilidade porque aí veio a preparação do golpe militar no Chile também. Nós morávamos numa casa, morava, na época quem cuidava das viúvas, os companheiros da organização, quando os companheiros eram assassinados tomavam a frente para a família continuar a vida de alguma maneira, inclusive de proteção, de ajudar. E a saída para nós foi a ida para o Chile, como de muitos outros.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Tiveram

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Nós chegamos lá dois anos antes do golpe, então, um ano e pouco antes do golpe. Nós não ficamos muito tempo no Chile, nós ficamos um ano no Chile. Então quando eu comecei a estudar, entrei na escola, não foi, não tenho uma lembrança boa do Chile também. Eu não tenho uma lembrança boa por diversas razões, por diversas coisas que aconteceram lá, essa vida de insegurança, a gente não tinha, ainda não tinha nem o luto, não teve tempo de viver o luto, não teve tempo de, e teve que chegar lá e continuar tocando a vida.

As mães, nossas mães foram trabalhar, nós fomos para a escola, você vai aprender um novo idioma, mesmo dentro da América Latina, mas você vai começar a lidar com uma cultura diferente, com pessoas que você não conhece. Você tem a sensação constante, eu tinha esta sensação constante, naquela época, de estar de um lado para outro, depois de um outro país, de uma, a sensação de insegurança é uma coisa impressionante de medo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Olha, o Chile foi acolhedor. A época sem dúvida nenhuma, época do presidente Allende, somos gratos a isso porque foi o único país que naquele momento acolheu muitos, não só brasileiros, mas chilenos e de vários, mas a nossa experiência anterior aqui no Brasil tinha sido muito amarga. Você vai para outro país também, a cultura também é diferente, você tem que lidar com situações, você.

A gente como criança, eu estou falando da minha experiência pessoal, eu na condição de criança, de ter vivido tudo aquilo, eu não estava preparada para nada naquele momento. Você não tem infância, né? Você não tem infância, e o fato de não ter infância, não ter infância é perder referências, né? Você não tem referências, você não tem raízes verdadeiras, você não tem... A criança, ela precisa, quando criança a gente precisa de uma referência de pessoas com quem você conversa, com quem vão guiar o teu caminho de certa forma.

E a gente na época não tinha porque a gente mudava muito. Então lugares são referências. Eu fui entender muito tempo depois porque eu passei por isso, o quanto é importante para uma criança seguir o curso, ficar bastante tempo na mesma escola, ficar bastante tempo com os mesmos amigos, ficar bastante tempo com as mesmas relações. Porque cada mudança dessa, cada mudança rápida na vida são referências que você vai perdendo e não recupera mais. Não recupera nunca mais.

Depois, a situação no Chile foi ficando muito crítica, a situação da sobrevivência também, porque começaram a faltar coisas no supermercado, porque a Direita boicota, na época eles estavam articulando um golpe, começaram os grandes donos de supermercado, os grandes empresários começam a não, uma das maneiras de derrubar um presidente é essa, não é? O que os grandes empresários fazem? Eles começam a esconder, não colocam, se você deixar o povo com fome, gente, o povo... O Chile fez isso.

O que o Chile fez? Porque os grandes empresários na época no Chile, os grandes domos de supermercado estavam, eles estavam junto com a Direita, eles estavam junto com o Pinochet. A situação no Chile estava muito crítica, você não encontrava mais coisas no supermercado. E quando se percebeu que no Chile estava a articulação do Golpe, aí foi a nossa ida para Cuba.

Também foi a Organização junto com os cubanos que organizaram isso. Um dia a noite eles chegaram em casa e disseram “Vocês vão para Cuba”. Claro, eu não sabia, com 10 anos, o que significava Cuba, não é? Eu só sei que tudo aconteceu muito rápido, isso eu lembro. Tudo aconteceu rápido. Outra vez sai da escola, outra vez a pouca amizade. Eu lembro que nós morávamos em uma casa junto com outra família de exilados. A gente morava coma Tia Ilda, morávamos com a Tia Dina que aqui no Brasil agente já conhecia a Tia Dina, porque o esposo dela e meu pai trabalhavam na mesma Organização. Então nós chegamos a morar inclusive juntos. E aí, um dia nós pegamos a Cubana de Aviacion em Santiago e no outro estávamos em Havana.

A chegada em Cuba foi na condição de criança, né? Você não sabe mais o que te espera. Depois que aconteceu tanta coisa como aconteceu aqui, você não sabe mais o que te espera, você não, mas a chegada à Cuba foi a melhor coisa (choro) que aconteceu com a gente. E lá em Cuba nós fomos muito bem atendidos, fomos muito bem recebidos, acolhidos.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Que idade você já tinha?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Aí eu já estava chegando dos 11 para os 12 anos. Minha irmã eu acho que tinha 5, 6 anos. Fomos muito bem atendidos, só que depois de tudo o que nós tínhamos passado é claro que você chega num país e você, eu lembro. Isso eu lembro claramente, no Chile e em Cuba tinha os companheiros milicianos que eles eram calça verde, camisa azul. Eu tinha medo de polícia. Eu tinha medo de polícia aqui no Brasil, no Chile eu tinha medo de polícia e claro, quando eu cheguei em Cuba eu tinha medo de polícia.

Eu lembro que os companheiros brasileiros falavam, olha, desta polícia aqui você não precisa ter medo, a polícia aqui é amigo, eles não fazem nada, eles, né? Ao contrário, mas eu lembro que a gente, eu acho que não fui só eu, mas na época a gente queria manter distância de polícia.

Nós chegamos, em qualquer um desses países que nós chegamos, claro que com o tempo depois nós fomos entendendo que, que em Cuba a Polícia representava realmente a proteção e não agressão e não assassinato como acontecia aqui no Brasil. Que a gente não tinha que ter medo. Foi lá que realmente eu comecei a ter infância, porque aqui não tinha, nós não tivemos. A criançada da minha geração.

Aí lá comecei a estudar, a fazer círculo pela primeira vez na vida, ter círculos de amigos. Amigos da minha idade, amigos que podia marcar para se encontrar embaixo no prédio onde morava, fazer grupinho de teatro juntos, tinha um grupinho de teatro, eu lembro. Os sobrinhos do Guevara inclusive moravam no mesmo prédio que a gente, eles faziam parte do mesmo grupinho da gente de teatro, e aonde a gente morava tinham muitos exilados da América Latina, tinha os bolivianos, da Argentina, tinha chilenos, tinha o pessoal da América Latina, muitos latino-americanos e mais os cubanos.

A gente começou a ter uma vida normal. Eu voltei, foram quase dez anos e foi, aí começamos a ter uma vida realmente normal, foi se normalizando, foi, a gente tinha liberdade de ser criança. A gente começou talvez, a aprender como é viver normal, ser criança, ser. E foram uns anos maravilhosos. Os nossos anos em Cuba foram maravilhosos.

Nós, eu tinha explicado anteriormente, quando nós estávamos conversando aqui mais informalmente, que nós nunca tivemos antes oportunidade de conversar sobre isso ou colocar para fora esta ferida que a gente carregou e estamos carregando há tantos anos, né? E da importância que é para nós esse espaço que vocês estão nos dando hoje para falar sobre estas coisas. Porque foram momentos de terror e perda na vida da gente que nós carregamos a vida toda.

Eu estava explicando que inicialmente, nós não falamos sobre isso porque é um processo, é a primeira tendência quando você já passou por tanto terror, por tanto medo, por tanta perda, se a gente chega em um lugar onde encontra paz, você quer esquecer o que aconteceu, você prefere não falar, você prefere não tocar no assunto. Você quer desfrutar ao máximo esta paz que te é dada. E foi que eu acho que todos nós encontramos em Cuba (choro).

Aí eu retorno para o Brasil, veio o processo político, aí já não éramos mais crianças, já éramos todos jovens. Todo mundo tinha 18, 19, 20 anos, maiores. Aí vem a proposta do retorno ao Brasil.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Era 1982?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Era, a partir de 1979, 1980 começamos a voltar, para a volta. Eu estava até comentando anteriormente quando estávamos conversando, se tivessem me dado a possibilidade de escolha eu não teria voltado, eu não tinha voltado porque as lembranças de quando nós saímos daqui não eram boas, acho que foram as piores experiências da vida de cada um de nós, e a volta sem perspectiva nenhuma.

Você volta sem família porque você não tem contato com a família, você perdeu a sua família biológica, você criou novas famílias no exterior que são os companheiros exilados e as crianças dos exilados que estão lá que são os teus primos, passam a ser seus tios, passam a ser suas tias.

Você é livre, você estuda, você aprende, enfim, você passa a ser gente, passa a ser respeitado e de repente você volta para o lugar onde, é o teu país, mas é o lugar que te causou as maiores dores de sua vida. E esse processo de retorno é muito difícil, para mim foi extremamente difícil.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você estudou?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Eu cheguei a estudar até, eu estudava, até a última escola que eu estudei em Cuba é a Eros de Varsóvia que eles chamam de pré-universitário, que é a escola antes de começar um curso superior.

E, primeiro eu estudei lá na Orestes Gutierrez que era do primário a secundário e depois na Eros de Varsóvia que chamava, que era uma escola que eu ficava a semana toda e só no final de semana que eu ia para casa. E lá nós tínhamos trabalho voluntário, estudávamos, tinha atividades culturais, uma ecoa mesmo. Não era só tempo integral, mas era interna.

Nos finais de semana quando a gente ia para casa de vez e quando tinha atividade né? Porque os companheiros brasileiros lá, exilados organizavam atividades. Sobre o Brasil, reuniam e tudo o mais, né? Eu lembro que eu não achava nem muito agradável ir a essas atividades. Eu ia por, mais por uma questão de compromisso político em relação aos companheiros, mas não porque eu gostava. Eu pessoalmente não gostava. Acho que trazia a tona muitos traumas e lembranças amargas. A gente, foi o que eu falei, esta primeira etapa, tem muitos anos na vida que a gente tenta amortecer tudo isso, a gente não quer lembrar.

Aí depois a gente passa para uma etapa em que você começa sim lembrar, que você quer lembrar porque você depois de adulto você quer começar e comigo aconteceu, eu queria começar a entender o que tinha acontecido realmente comigo. Os meus sentimentos.

Com alguns medos e inseguranças que eu tenho até hoje, eu queria saber de onde eles tinham vindo. Aí você começa a perceber que são daí, que são daquela época, né? Mas isso nunca foi ouvido por ninguém também.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – E você voltou a ter essa má sensação ou mudou um pouco?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Primeiro foi a sensação de insegurança. Eu não conseguia me adaptar de todo aqui no Brasil no início. Eu tive um problema sério de adaptação. Eu morei muitos anos fora do Brasil mesmo depois que eu voltei de Cuba. Eu fui com a Brigada, na época da Brigada de Solidariedade, à Nicarágua, eu fui para Nicarágua, trabalhei lá como brigadista na Solidariedade à Nicarágua. Voltei para o Brasil porque a Brigada foi por um certo tempo. Aí recebi uma proposta de voltar para lá e trabalhar com um Centro de Educación y Promoción Agraria.

E voltei para a Nicarágua, trabalhei lá por dois anos que foi quando eu conheci o meu ex-marido, mas logo, depois eu trabalhei um tempo na Alemanha, eu não fiz a escolha também de voltar para o Brasil. Na Nicarágua, desculpa. Eu fui para a Alemanha, trabalhei, estudei, morei lá enfim, vários anos. Eu fiquei muitos anos, eu voltei definitivamente para o Brasil há seis anos atrás. Quer dizer, aí foi quando eu finalmente percebi que eu não tinha uma boa relação com o Brasil. Aí eu consegui entender isso.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Aí eu percebi, eu comecei a perceber por que. Porque eu comecei sentir uma necessidade de voltar para o Brasil

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** - Na Alemanha Ocidental. Mas eu ia à Alemanha Oriental, fui várias vezes. E aí você começa a se autoanalisar, não é? E começa inclusive procurar profissionais para falar sobre você, para. Essa necessidade que eu senti então, de voltar para o Brasil foi porque eu acho, não é que eu consegui resolver porque eu acho jamais ninguém de nós vai conseguir resolver isso dentro de nós, mas você entende pelo menos isso.

Você entende, eu sou assim porque tal situação, a minha vida ficou muito mal resolvida de tal a tal época, eu nunca consegui resolver a minha vida naquela época. Aí vem o processo de amortecer, né? Você prefere esquecer tudo deixar para traz e já na vida adulta que a gente vem reviver tudo, a gente começa a, tudo isso começa a vir a tona e aí a gente começa a entender.

Eu acho que esse trabalho que está se fazendo hoje de nos ouvir, para mim especialmente está sendo fundamental. Porque a gente consegue falar por primeira vez com o coração sobre isso, sobre aquela época.

O meu avô foi um homem muito especial. Ele apesar, ele era um operário e apesar de não entender direito ele dava apoio incondicional ao meu pai em todas as... em todo o momento. O que precisou dele ele esteve presente. E eu perdi o meu vô, eu cheguei a vê-lo vivo depois que voltamos de Cuba, ele estava vivo ainda, e nós tivemos a felicidade de vê-lo, de conviver um pouco com ele.

E, como eu disse foi uma pessoa muito importante na minha vida e que sempre nos apoiou muito. Inclusive foi ele e uma prima minha nos deram o maior apoio depois que nós voltamos de Cuba, porque nos não tínhamos para onde ir, não tínhamos casa. Você volta, é um horror. Você volta sem casa, você volta sem família, você volta sem raízes, você volta, eu estava falando para uma das companheiras aqui quando estávamos nos falando antes que, para mim até hoje eu sinto a sensação e sem dúvida nenhuma Cuba para mim representa o meu porto seguro, o meu país, a minha... E eu me propus todos os anos ir a Cuba. Eu fui ano passado e se der vou este ano. (Choro)

Porque assim, até hoje eu chego lá, eu paro em frente ao prédio que eu morava e as pessoas saem dos apartamentos para cumprimentar com um calor humano, com um, é a família que, na verdade a gente desenvolveu lá família e, que a gente não tinha né? Esses amigos.

Sabe, eu tive lá em novembro do ano passado, eu, em Cuba, aí eu a primeira coisa que eu fiz foi em frente ao prédio que eu morava, né? Depois, e quando chego lá é assim, eu chego e grito o nome de um ou de outro e o pessoal já sai dos apartamentos e vem e abraça e a gente morre de rir e relembra os velhos tempos. Eu encontrei assim, os vizinhos da porta da frente, nós éramos muito amigas, em gente ao nosso apartamento morava uma família cubana com três filhos, duas filhas e um filho, com dois filhos e uma filha.

E nós duas, e eles são mais ou menos da minha idade, a gente em toda vizinhança do prédio, a gente cresceu ali brincando de esconde-esconde, pega-pega, contando histórias de terror até tarde, brincando, rindo. Então, a coisa mais impressionante para mim é cada vez, mesmo com todos os anos fora de Cuba, quando a gente chega lá é como se a gente tivesse continuado lá, da maneira como fomos recebidos. E é muito bom. Esta sensação é muito boa.

Eu acho que, outro dia eu estava me perguntado, se eu pudesse hoje fazer a escolha eu moraria em Cuba, sem dúvida eu moraria em Cuba. Tenho grandes amigas lá, amigos, e pessoas que são muito importantes para mim.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** - Eu tenho uma filha. Não, ela está morando na Alemanha, a Janaína. Ela nasceu, cresceu lá e ficou difícil para ela voltar depois que eu decidi voltar. Até conversamos em voltar, mas ela achou melhor não, já está namorando, mora sozinha porque lá a vida, os jovens fazem a vida independente muito cedo, viram independentes muito cedo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Meu ex-marido não era alemão. Ele trabalhava na época que conheci ele, ele estava trabalhando pelo governo alemão na Nicarágua, era de um grupo técnico de alemães que estava prestando ajudar a Nicarágua. Eu trabalhava no Centro de Promocion y Educacion Agraria, CEPA. E, não tenho, tenho uma relação muito bacana com a Nicarágua, gosto da Nicarágua e sem dúvida os dois, três anos que eu vivi lá foram muito intensos, mas com Cuba é diferente, é outro tipo de relação. Fui acolhida em um momento da minha vida que foi crucial.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Mora onde agora?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Agora estou morando em Brasília.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Trabalha lá?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Trabalho lá.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – (Inaudível.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Não, minha mãe mora em Campinas. Minha mãe mora em Campinas, minha irmã aqui em São Paulo e eu moro em Brasília. Eu morei na Bahia antes. Mas é isso, e aproveitei esta vinda agora aqui para, pela internet fiz contato com vários desses amigos brasileiros que a gente, quando nos encontramos em Cuba, crescemos em Cuba, aí a gente encontra vários deles nesses dias que estou aqui. Aproveito sempre a oportunidade de rever companheiros que viveram as mesmas experiências, né? Eu acho, e aconteceu uma coisa interessante conosco também, eu percebo isso.

Depois do nosso retorno ao Brasil, todo mundo, nós passamos, essa moçada que foi criança e já voltou jovens, cada um depois que voltou ao Brasil parece que nos dispersamos de novo, e sempre digo foi a segunda vez que perdemos a família, não é? Porque a família que nós tínhamos feito lá, a família que nós criamos porque, aí depois veio o regresso ao Brasil que todo mundo se dispersa novamente e você acaba perdendo. Aí é outra ruptura na sua vida. Perde de novo, mais uma vez.

E, agora depois de alguns anos, a gente começou a se procurar, todo mundo porque cada um viveu as suas experiências, se refez de certa forma, trabalham, já tem família, cada um criou a sua família, casou, separou, tem os filhos, mas enfim, todo mundo conseguiu, achou o seu caminho de certa forma, mesmo com dificuldades e aí a gente está tentando, até fizemos esta proposta a um desses companheiros outro dia, a gente está querendo criar uma espécie de grupo Dos Pátrias, da turma que esteve em Cuba. E a gente está querendo criar este grupo Dos Pátrias porque, o Brasil no caso, e Cuba que sem dúvida, para cada um de nós que moramos lá, é o nosso país. É o nosso país também.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Fala uma coisa, você não é da primeira geração, que é a geração do seu pai, a Tia Ilda que você falou é a esposa do Virgílio, não é?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – É. A Tia Ilda que eu falo é a esposa do Virgílio, a Tia Dina, que é a esposa do Devanir Carvalho, a Tia Cida, tem a Tia Clara, a mulher do Marighella. Enfim, vários tios e tias e primos que a gente foi construindo com o tempo, porque foram as pessoas que viviam as mesmas experiências, viviam nos mesmos lugares e com quem a gente tinha uma identificação muito grande um com o outro, porque a gente viveu as mesmas experiências, as mesmas dores, né?

São dores que eu vou te falar, viu. Anteriormente também são dores, feridas, sofrimentos que castigo nenhum nessa época negra no Brasil da ditadura militar, castigo nenhum a esses torturadores, a nenhum desses golpistas, a nenhum destes, vai conseguir tirar da gente essa dor, esse sofrimento.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Eu queria te perguntar, ainda do ponto de vista pessoal e não político. Duas reações básicas do grupo da sua geração. Uma que acha de certa forma os pais trocaram suas ideias por sua família, abandonaram sua família, enveredaram, foram para a luta, embora com uma conduta heroica, o lado familiar foi muito prejudicado. O outro que me parece mais que é o seu, embora você era muito pequenininha, você entendia, entendia não, entendeu e aceitou esse lado heroico do seu pai, embora você tenha dito uma frase muito bonita. Você atribuía a volta dele tão precoce à saudade que ele sentia de vocês, né?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Eu acho que foi um dos pontos fundamentais foi isso, e também sem dúvida nenhuma, há pouco tempo eu li um livro inclusive que fala, um dos companheiros que esteve com ele na época, fala sobre isso. Ele reafirmou este sentimento, nesse livro esse companheiro fala. Ele conheceu bastante o meu pai e diz o seguinte, que duas coisas ele lembrava bem fez o meu pai retornar ao Brasil, um era a saudade insuportável da família, as raízes da, e a outra coisa era a necessidade de continuar a luta.

 **O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Então, e você...

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Eu considero, eu digo isso até hoje, sem culpá-lo, jamais, eu jamais vou culpar o meu pai por causa disso, mas logicamente se ele tivesse ficado no exterior e tivesse trabalhado um pouco mais este sentimento, talvez a gente estaria junto hoje, não é? Mas, não foi assim.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa eu te perguntar, quando tentava concluir, fazer a minha pergunta. Então, você vê esse lado dessa convivência familiar e o lado político e o jeito que vocês lá em Cuba conseguiram trabalhar isso, essa visão do lado da opção política e dessa convivência familiar.

Tanto é que vocês constituíram outra família. E, aí você volta para o Brasil, você vai para a Nicarágua, ainda volta para a Alemanha e tem este buraco da adaptação do jeito que as pessoas aqui se organizam, porque você acha que aqui no Brasil isso é uma coisa generalizada. Porque você, como você faz a leitura, você tem uma compreensão política, que vocês da segunda geração, filhos de gente que era tão politizada, que enfrentaram a ditadura do primeiro momento, vocês, os sobreviventes que vieram, porque não tem lugar para vocês aqui no Brasil, tanto social quanto politicamente?

Porque o valor e a biografia dos seus pais e tanta gente que lutou e tinha uma compreensão política tão grande naquela época, porque você acha que o Brasil não absorve, porque assim falando de uma forma mais simples, porque os partidos políticos não absorvem essa cultura da resistência, e como você, uma pessoa que viveu fora, dentro e você viu o lado pessoal, o lado humano, como é que você vê esta questão do lado político?

Por exemplo, Cuba, Nicarágua que são países tão pobres, com tantas dificuldades tem uma outra forma de acolhimento. Aqui que tem chances, capitalistas, desenvolvimentistas, toda essa coisa toda, como é que você, você faz esta leitura? Você, sua irmã, sua mãe, vocês fazem essa leitura? Com as outras famílias do Ariston, do Virgílio, vocês conseguem fazer esta leitura, isso é uma preocupação de vocês? Essa inadaptação que o Brasil propicia para os filhos?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Olha, eu acho que, a questão da, começa aí. Eu acho que começa, este sentimento nosso, falando do meu particularmente, e voltar para o meu país, mas que não é meu porque eu não sentia meu, onde eu não tinha raízes, onde primeiro foi pelo momento histórico que nós vivíamos naquela época de Golpe, naquela época dura, naquela época negra que nenhum de nós carregamos experiências boas sobre isso no momento de infância.

E eu não acho que o Brasil seja um país que proporciona segurança para ninguém. Eu nunca tive essa sensação do Brasil, nunca tive essa sensação de acolhimento aqui. E não tenho (choro). Eu acho que, eu não sei, é uma coisa que eu tento entender até hoje, eu não conversei isso com o resto dos amigos, dos companheiros da minha geração que voltamos do exílio, mas eu tenho certeza de que cada um de nós tem esta sensação. Apesar de a gente ter voltado, todos nós tivemos uma dificuldade muito grande gente, em começar a estudar de novo.

Primeira dificuldade que nós tivemos é que você chega aqui já como, com o décimo ano pronto, mas em espanhol. Você sabe da história da colonização da América Latina pelos espanhóis, aprende História não com Pedro Alvares Cabral, mas com Cristóvão Colombo.

Aprende Literatura, você estuda Rodolfo Becker, espanhol, você estuda enfim, a primeira dificuldade eu lembro, que nós tivemos, que eu tive quando cheguei aqui foi que, “Não porque vocês vão estudar, vocês vão fazer um tempo de colégio para depois fazer um cursinho, um vestibular”. A gente não tinha dinheiro para pagar uma faculdade. Na época ou você pagava ou ficava sem estudar, e você não se sente, você não sabe a História do Brasil, quer dizer, a História tradicional, né? Que a gente estuda nas escolas.

Não sabe da Geografia, você não sabe quem foram os grandes literários brasileiros porque você não estudou isso. Você não sabe, porque apesar de ser América latina, mas nós ainda temos esta característica de termos sido colonizados por países diferentes. Então nós temos história, apesar de ser semelhantes, muito diferentes.

Países que foram colonizados por espanhóis. Então você aprende uma outra História, você aprende uma outra Geografia, você aprende uma outra... E aí você ter noção, nós saímos daqui daquela maneira como crianças, fomos exilados involuntários e quando você volta o seu país, o seu próprio Estado, o Ministério da Educação olha para você diz, “Não, o que você estudou não presta, nós não vamos reconhecer”. Você se sente novamente rejeitado, você se sente novamente não filho deste país, você se sente novamente, e reconhecer um diploma quando você se formou e Cuba, reconhecer um diploma aqui é um, é uma loucura porque não reconhecem. Isso faz parte claro, a gente sabe, de toda, porque o estudo em Cuba é excelente, é de um nível altíssimo. O problema de não reconhecer porque ainda continua sendo importante muitos setores aqui no Brasil não reconhecer e não aceitar tudo o que vem de Cuba.

Considerar que tudo o que vem de Cuba é negativo, continuar fazendo propaganda contra Cuba. Nós estamos vivendo essa experiência hoje com os médicos cubanos que querem trazer para o Brasil, que não querem reconhecer aqui no Brasil os médicos cubanos que são excelentes médicos.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você sabe que eu estive no Ministério da Saúde ontem, e os técnicos me explicaram, me disseram o seguinte, os médicos cubanos é até capaz de serem aceitos, mas os estudantes brasileiros que estudaram Medicina em Cuba, jamais.

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Isso faz parte dessa, da luta e da propaganda contra Cuba que continua e são os únicos médicos, isso quando me perguntam, pessoas que são mais desinformadas e não são politizadas e me perguntam, “Mas estes médicos não falam português”. Gente, esses médicos são capazes, apesar de não saberem português, de chegar em qualquer ponta da Amazônia, em qualquer favela do Brasil, se entender com este povo muito melhor do que qualquer médico brasileiro. De não qualquer, mas de muitos médicos brasileiros que não tem interesse de trabalhar para o povo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa eu te fazer uma última pergunta. Você acha que todos estes fatos que ocorreram com seus familiares, com seus amigos tem que ser apurados?

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Acho. Acho. Foi o que eu disse, eu acho que não, essa ferida, este vazio, estas dores, essas perdas que nós sentimos isso não vai ser curado, a gente leva a vida, vai trabalhando isso. É importante fazer um depoimento como esse para por pra fora essa parte dessas dores, mas não se deve esquecer jamais, não é?

Eu acho que ser apurado, eu acho que relembrar, eu acho que mostrar, inclusive uma coisa que eu considero absurda é que não se fala praticamente. Eu não sei como está hoje o rito nas escolas, mas eu acho que não se fala. A época do Golpe Militar eu acho que pula, que falam muito superficialmente. Um jovem hoje de 19, 20, 21 aqui no Brasil você vai conversar e ele não tem nem ideia do que foi o Golpe Militar, do que isso representou, dessa época negra na História do Brasil. Eu acho que, eu acho que não pode deixar passar para não acontecer nunca mais.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Quando você viveu na Nicarágua foi a primeira fase da revolução. Você sabe se naquele período eles fizeram uma avaliação do período de Somoza, daquele período antigo ou você não pegou isso. Na Nicarágua teve

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Isso era, não houve de certa, não houve como nós estamos fazendo aqui, que foi a Comissão que teve, agora o processo nicaraguense foi muito diferente porque na verdade houve uma luta contra o Somoza em que o povo ganhou, eles ganharam, eles conseguiram derrubar. Então é uma coisa que se falava constantemente, se falava na escola, nos movimentos sociais, na juventude sandinista que eu trabalhei muito com a juventude sandinista. Era muito falado, o tempo todo porque eles conseguiram derrubar, eles conseguiram derrotar aquilo que fazia mal, aquilo que destruía.

Nós na verdade, nós não conseguimos. E aí, em muitos setores aqui no Brasil a gente sabe que é tabu inclusive falar sobre isso, sobre essa época, ainda. É uma pena, mas em relação ao que você me perguntou antes que eu acho até que fugi um pouco, eu não consigo até hoje entender o porquê. Você me perguntou o porquê, eu não consigo entender o porquê.

Talvez a gente, a gente tenha uma identificação, se sente brasileiro, mas não tão brasileiro. Talvez essa coisa, esse amor tão profundo, essas coisas, eu especialmente não sinto. E eu fui perceber isso muito depois, na ida para a Nicarágua, inclusive a época que eu morei, os anos depois, os meus regressos a Cuba.

Uma coisa para mim foi crucial, a emoção que eu sinto cada vez que eu volto para o Brasil, para mim isso foi crucial e é até hoje. Eu comecei a entender de forma muito mais profunda porque Cuba para mim é “mucho más patria” que o Brasil. O meu sentimento com relação a Cuba cada vez que eu desembarco lá e o meu sentimento cada vez que eu desembarco no Brasil são diferentes, emoções diferentes. Porque lá eu fui acolhida, eu fui respeitada, aqui eu nunca fui realmente acolhida, ao contrário.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Você faz uma comparação, por exemplo, na Segunda Guerra que resistiu (ininteligível), reconhecidos em todas as sociedades, os que resistiram ao período de opressão e (ininteligível) são reconhecidos e você e sua família, gente que tanto lutou voltam e continuam com o mesmo processo de não acolhimento, de exclusão, é isso o que você está tentando nos dizer, não é? Até fazer uma faculdade que você teria oportunidade de fazer como fizeram os meninos do Virgílio

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Que fizeram em Cuba. Nós não esperamos esta época. Então, mas nós não tínhamos. Naquele momento nós não tivemos escolha. Nós na condição de filhos não tivemos escolhas. Tivesse, eu tinha ficado, mas, bastante mais tempo, inclusive.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Legal, então eu queria, você veio especialmente de Brasília para fazer este depoimento, espero que tenha sido importante, muito obrigado. Nós temos orgulho da sua família, muito obrigado.

(Aplausos.)

**A SRA. SUELI COQUEIRO** – Eu agradeço a vocês e queria dizer que o trabalho que vocês estão fazendo é muito importante. Esse trabalho é importante para a memória do Brasil, para a nossa própria memória porque a gente consegue colocar, por para fora essas coisas que durante tantos anos estavam tão escondidas, tão reprimidas, não é?

Porque a gente, nós não pegamos o tempo, nós mesmos negamos este tempo para nós porque, como eu falei a primeira etapa é de querer fugir, e a segunda etapa com o retorno ao Brasil as inseguranças, os medos, aí você tem que lutar para caramba para poder sobreviver em um mundo onde você não cresceu, não conhece e de onde você tem medo. Isso é muito difícil, mas muito obrigada a vocês por tudo, fundamentalmente a vocês, o acolhimento e por me ouvir, ouvir a todos nós. Obrigada. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado. A sessão está encerrada. Obrigado.

\* \* \*